



VIVENCIANDO O INSTANTÂNEO DA VIDA A PARTIR DA LEITURA DE HAICAIS

Claudenice da Silva Souza
José Hélder Pinheiro Alves

(Universidade Federal de Campina Grande – clau909silva@gmail.com)
(Universidade Federal de Campina Grande – helder.pinalves@gmail.com)

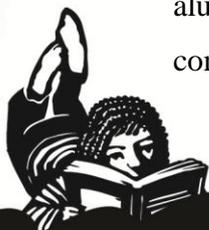
Resumo: O trabalho com a poesia na sala de aula, na perspectiva de formar leitores, necessita de alternativas que superem o mero estudo formal do poema ou conceitos voltados para os estilos de época. Buscamos algumas alternativas na disciplina Estágio em Literatura no Ensino Médio, ao trabalhar com a poesia, e mais especificamente com haicais, numa turma de primeiro ano do ensino médio. Para tanto, foi necessária a leitura de diversos poetas e de múltiplos poemas a fim de procurar aqueles que pudessem compor uma antologia com a qual pudéssemos trabalhar durante o estágio. Portanto, este trabalho é resultado da experiência que tivemos com a leitura de haicais em sala de aula e das observações que pudemos realizar a partir do contato dos alunos com haicastas como Alice Ruiz e Saulo Mendonça, por exemplo. Como aporte teórico, nos utilizamos das discussões e reflexões de Almeida (2012), Alves (2016), Dalla-bona & Benato (2018), Franchetti (1990) e Machado (2011). Como resultados, destacamos sobretudo o envolvimento com os poemas que traziam a paisagem local, o que favoreceu um diálogo com a natureza, tema com o qual muitos se identificaram.

Palavras-chave: Poesia, Haicais, Estágio, Ensino.

Introdução

Superar o estudo meramente formal do poema ou de conceitos voltados apenas para os estilos de época é um desafio para o professor. Muitas vezes, ancorados na ideia de que os alunos não gostam de poesia ou de que não há tempo para uma atividade mais aprofundada, os docentes ficam na superfície do texto poético e não possibilitam, dessa forma, uma real aproximação com o gênero.

Não alegamos aqui que o trabalho com a poesia é sempre superficial nem que ninguém sabe lidar com ela, mas que é preciso rever práticas e refletir a partir delas no intuito de levar para a sala de aula uma abordagem menos esquemática na qual os alunos tenham a oportunidade de descobrir as facetas da arte poética. Neste trabalho, comentamos sobre a nossa prática de leitura de poemas com alunos da primeira série do





VII ENLIJE

Ensino Médio. A experiência se deu na disciplina Estágio em Literatura no Ensino Médio, na qual trabalhamos com a poesia, e mais especificamente com haicais. Como o próprio título do artigo indica, buscamos vivenciar um pouco do instantâneo da vida ao valorizar, durante as leituras, o compartilhamento das impressões dos alunos acerca dos haicais e na medida em que instigávamos a compreensão através da leitura em voz alta.

Haicais: pequenos poemas *versus* grandes momentos – A experiência

Na primeira aula que ministrei, pedi que eles dissessem se gostavam de poesia, quais poemas conheciam e os poetas com os quais porventura já haviam tido contato. A essas perguntas, pouquíssimos alunos responderam, não sei dizer se por falta de conhecimento em relação ao tema ou se por não se sentirem à vontade para falar na frente da estagiária. Um dos nomes citados foi Vinícius de Moraes por duas meninas que relataram gostar bastante dos poemas dele. Para essa aula, optei por não levar ainda os haicais, mas sim poemas com estruturas já conhecidas de variados autores.

Os dois poemas da primeira aula foram “Pequena crônica policial” e “Parece um sonho”, ambos de Mario Quintana. Eu lhes expliquei que a dinâmica de nossas aulas seriam basicamente a leitura e os comentários interpretativos que compartilharíamos. Então, após a leitura silenciosa quando uma aluna leu, pedi a outro que relesse e ainda uma terceira leitura foi realizada por outro aluno. Em relação a esse pedido, eles estranharam no começo, se entreolharam, mas no segundo poema se pronunciaram para ler normalmente. Alguns pareciam ter a vontade de ler em voz alta, mas não tiveram coragem nessa aula.

Então, houve perguntas da minha parte e os menos tímidos compartilharam suas interpretações com entusiasmo. Muitos, após verem os outros falando – a maioria meninas –, acabaram querendo expor também suas opiniões. Quando foram indagados em relação ao título, eles apontaram que tinha a ver com o cotidiano da polícia ver mortes e que talvez fosse por isso que Mario Quintana havia optado por chamar de crônica policial. Os comentários foram bastante coerentes, eles levantaram hipóteses acerca do assassinato do qual fala o eu lírico e chegaram a conclusões em relação à violência contra a mulher. Com o poema “Parece um sonho” procedemos da mesma maneira. No fim da aula, perguntei se tinham gostado dos poemas e a resposta foi positiva. Percebi que muitos leram e releeram, que tentaram interpretar e que não apenas jogaram a folha em um canto.





VII ENLIJE

As aulas sobre haicais ocorreram da forma como esperávamos, ou seja, lendo os poemas e tentando aos poucos compreendê-los e apreciá-los. É importante mencionar que nem tudo o que planejamos foi posto em prática devido ao pouco tempo de que dispúnhamos, isto é, ficaram alguns temas sem serem levados para a turma e em alguns não pudemos trabalhar com todos os poemas que havíamos selecionados.

Optamos por apresentá-los aos alunos separados por temáticas. A nossa experiência seguiu mais ou menos a ideia do trabalho com os poemas a partir das temáticas nas quais eles estavam alocados. Então, após as leituras que fizemos previamente para selecionar os poemas, eles ficaram assim divididos em: estações, natureza, tempo, infância, amor, instantes e reflexões.

Em relação aos temas presentes na arte de escrever haicais, mencionamos o que Dalla-Bona & Bonato (2018, p. 94) destacam: “Não cabe no haicai nenhum imperativo, nem erotismo, nem apelo ao outro, nenhuma maldade, nenhuma descrição, ou defesa de uma ideologia. Ele é construído por palavras que remetem ao mundo tocável e real, retratando uma cena fugaz”. Isso não quer dizer que os haicais não possam trazer esses temas, mas a verdade é que estão mais para a ideia de retratar algo, e esse algo é muitas vezes relacionado à fugacidade, ao instantâneo e à natureza. Estruturalmente, seguem o esquema de 5-7-5 sílabas, isto é, são curtos. De acordo com Franchetti (2008, p. 256), esses poemas de origem japonesa aparecem “como ideal de coloquialidade, de registro direto da sensação e do sentimento e como forma adequada ao tempo rápido do presente”.

O primeiro tema levado para a turma foi a natureza e as estações do ano. Expliquei que nossa dinâmica para os haicais seria a mesma que a dos outros poemas, isto é, ler e reler a fim de entendermos os haicais com calma, testando as vozes de cada um sem forçar e ouvindo os ritmos de leitura e a maneira como as pessoas leem. No início, não foi exatamente fácil executar esta forma de ler poemas, ao que parece, eles não estavam acostumados a se demorar nas leituras na sala de aula¹. Em relação à leitura oral, relembramos o que Alves (2016) explica:

Ao final das leituras, certamente, os alunos já começam a observar que há diferentes modos de realização oral: uns são mais lentos, outros mais rápidos; outros ainda dão mais inflexão a determinadas palavras,

¹ Essa observação não tem o intuito de fazer uma crítica ao método do professor da turma. Ao contrário, é uma forma de perceber como se dão as aulas de leitura de poemas, já que sabemos que o professor dispõe de pouco tempo para dar conta de inúmeros conteúdos e o cotidiano escolar, muitas vezes, não permite uma liberdade para se demorar na apreciação de poemas.





VII ENLIJE

outros leem de modo bastante linear. A leitura oral é sempre um momento central da experiência com a poesia. Daí a necessidade de retomada do texto por diferentes leitores. Inúmeros são os poemas que são melhor acolhidos e compreendidos apenas depois de algumas vocalizações. A questão da leitura oral liga-se a uma necessidade de acordarmos para a importância da voz. Minha voz, voz do outro são instrumentos que transmitem emoções e percepções as mais diversas. (p. 218)

Tendo em vista a importância da voz apontada pelo autor, lançamos mão desse exercício com a turma em praticamente todos os poemas que lemos. Eles aceitaram bem a ideia e não se incomodavam em colocar suas vozes à disposição. Como em toda turma, sempre há aqueles que não se intimidam e querem ler em voz alta, o que foi de grande ajuda. “Percebem que a aluna A leu mais rápido e o aluno B leu mais devagar?”, “Por que é seria mais apropriado ler em poema devagar?”, “Qual a importância de ler os versos deste poema com uma determinada rapidez?”, “E se déssemos mais ênfase nessa palavra?”, “Qual o sentido tem a maneira como lemos esses poemas?”.

Então, foi com alguma surpresa – mas sem rejeição – que liam os haicais e se surpreendiam com a pequena extensão dos mesmos. Nas duas aulas em que estivemos com a temática da natureza, eles liam e analisavam como se estivesse faltando algo nos poemas. Isso porque não estavam acostumados ao tamanho dos mesmos, achavam estranho. Alguns se atreviam a comentar sua surpresa com aquelas três pequenas linhas das quais a professora estagiária queria que eles falassem. Então, desde o começo expliquei a eles que esses poemas são de origem japonesa e que são sempre breves, fiz menção ao que Ruiz (2015), na apresentação de seu livro de haicais, chama de *exercício de concisão* na tentativa de deixar um pouco mais claro que esses poemas dizem muito em poucas palavras e que devíamos aceitar o desafio de compreendê-los. No momento em que parei para falar acerca da origem dos haicais e para dizer também sobre a estrutura de dezessete sílabas e a quantidade de três versos, foi necessário recordar esses e outros conhecimentos para oferecer aos alunos. Mas não o fiz antes de qualquer coisa, pois o relevante era que começássemos as leituras e que na medida em que surgissem dúvidas desse tipo nós iríamos tentando saná-las. Alves (2016, p. 215), ao tratar das estratégias para o ensino de poesia, esclarece que “esta exigência para com o professor-leitor precisa ser feita tendo em vista que ele será o mediador da leitura não um mero transmissor de informações”. Apoiados nessa premissa, dizemos que a experiência de ir oferecendo determinadas explicações na proporção em que as aulas iam ocorrendo foi





VII ENLIJE

uma forma leve e despreocupada de lidar com a poesia e que, a meu ver, foi eficaz porque os meninos não hesitaram em ler o gênero nas aulas decorrentes.

Para criar uma relação com o tema, pedi para que a cada poema lido eles fossem marcando palavras ou expressões que remetessem diretamente à natureza e que tentassem a partir disso entender de que tratavam os poemas. Essas palavras podiam ser qualquer coisa que no poema fizessem referência às estações; expliquei-lhes que tais palavras são conhecidas como *kigo*. De acordo com Machado (2011), elas acabam por situar a época do ano da qual se fala e podem ser uma planta, um animal ou até mesmo alguma sensação que se relacione com qualquer uma das estações. Eu sempre pedia para que pelo menos três alunos lessem o mesmo poema. Após isso é que perguntava sobre qual a temática que se sobressaía em cada um. Nesse momento da aula – parte em que mais nos demorávamos – os alunos buscavam de volta no poema a compreensão e, ainda tímidos, expunham suas incertas e acanhadas – na maioria das vezes – análises.

Procurei sempre chamar a atenção deles para o fato de que os haicais são bastante imagéticos no sentido de que podemos visualizar em nossas mentes determinadas situações expostas poeticamente pelos haicaiístas. Em relação a isso, vi alguns sorrisos de satisfação enquanto outros, bastante sérios, reliam os poemas tentando “ver” as tais imagens. Como exemplo, cito três dos poemas lidos na aula:

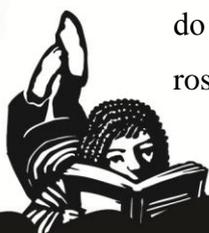
Noite de primavera.
Um fruto caiu no lago
e amassou a lua. (Saulo Mendonça)

chuva fina
tarde esfria
todo o lago se arrepia
(Alonso Alvarez)

No rio profundo,
o sol parece outro sol
a emergir do fundo. (Abel Pereira)

No de Saulo Mendonça, perguntei como é que um fruto podia amassar a lua, houve muitas respostas ao mesmo tempo. Nisso, precisei pedir que eles se ouvissem e que cada um podia dizer o seu ponto de vista da interpretação. As explicações caminharam para a ideia de que o lago refletia a lua e que no momento em que o fruto caiu amassou-a porque mexeu com a água e, conseqüentemente, com o que ela refletia.

Ao falar sobre a poesia de Saulo Mendonça, Almeida (2012, p. 56) diz que “o olhar de encantamento para o mundo é constante; ele personifica os elementos da natureza, dando dinâmica precisa aos versos que prendem o leitor à visão e à reflexão do meio”. Incentivei os alunos a pensar numa lua sendo amassada em um lago; nos rostos dos alunos parecia que, de fato, estavam vendo essa imagem, porque, como nos





VII ENLIJE

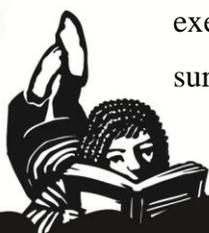
Tala Almeida (2012), os haicais de Saulo prendem o leitor e não foi diferente com a experiência aqui registrada.

Com o haicai de Abel Pereira, indaguei como parecia emergir outro sol do rio profundo. A ideia de que a água reflete o céu e por consequência o que lá está foi de novo dita. Fizemos uma ponte entre ambos os poemas para pensar de que maneira cada um dos haicaístas fala da capacidade da água de funcionar como um espelho.

Em relação à possibilidade de proporcionar uma imagem, o haicai de Alonso Alvarez foi bastante útil. Pudemos, a partir dele, fazer uma comparação com a ação do corpo humano de se arrepiar com a ideia de arrepio presente nos versos de Alonso. A isso, recordo que uma aluna disse empolgada que dava para ver perfeitamente o lago se arrepiando. Vi rostos fascinados pela possibilidade de enxergar na própria mente aquela imagem. A percepção e sensibilidade do poeta foram essenciais para alcançar esse efeito em nós leitores, pois a chuva fina da qual ele fala é a responsável pelo arrepiamento do lago. Ao pensar sobre uma ação tipicamente dos seres animados atribuída a um lago, perguntei se reconheciam a figura de linguagem da qual o autor lança mão no haicai. Expliquei a ideia de atribuir características humanas a seres inanimados e alguns se atreveram a responder o nome da figura de linguagem personificação. Então, comentamos sobre a função dessa figura.

Para as duas aulas subsequentes o tema foi o instante. Comecei perguntando se havia para eles algum momento que lembravam ou admiravam. Eles ficaram pensando e não compreenderam bem a pergunta. Então, exemplifiquei lembrando os haicais que havíamos lido nas aulas anteriores. Pedi que dissessem momentos dos quais falavam os poemas.

Com o intuito de levá-los a pensar sobre a maneira de perceber as coisas e sobre os instantes que possibilitaram aos poetas a escrita dos haicais que lemos, eu falei da minha própria experiência em relação a momentos que eu, de alguma forma, admirava. Por exemplo, num dia em que estava no ônibus indo para Campina Grande e vi uma menina bem pequena sentada no batente de sua casinha simples, de taipa. A menina estava com um livro nas mãos e aquela imagem nunca mais saiu da minha mente. Utilizei o exemplo para abrir uma conversa com os alunos em relação àquilo que de alguma maneira nos toca, seja um momento triste ou alegre. Permiti que eles falassem acerca de momentos que faziam parte das coisas das quais gostam. Eles citaram exemplos como: o abraço de um avô e um neto, o sol se pondo lentamente, o surgimento da lua no céu, um beijo entre namorados, etc. Na medida em que iam





VII ENLIJE

Talando ajudei-lhes a pensar que da observação de instantes assim podem ter nascido os haicais que foram lidos da aula anterior.

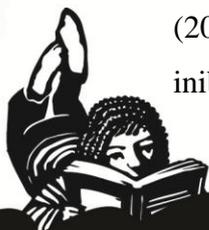
A nossa discussão continuou com poemas de Alice Ruiz, Alonso Alvarez e Bashô. Desses, destaco como exemplo, dois haicais da autora supracitada: um que traz à memória o instante exato no qual há um varal vazio e a lua “passa” por ele e o outro que revela um lindo instante em que no “silêncio da mata / a mariposa pousa na flor / outro silêncio” e esse fato – despercebido a muitos, mas relevante para a haicaísta – gera outro silêncio. Perguntei-lhes se conseguiam notar a importância desses instantes nos poemas, instiguei-lhes a refletir acerca desses e de outros haicais que íamos lendo no decorrer da aula.

Como vemos, houve sempre espaço para a discussão. Com isso, tentamos nos aproximar de um modelo menos tradicional de aula. Acerca da tradição de aulas fortemente expositivas, Alves (2016) aponta que há uma espécie de prioridade em veicular informações já “acabadas” e não se favorece um caminho mais dialógico no qual possa ocorrer o trabalho com os poemas e com outros textos literários.

Destaco ainda um poema de Alonso Alvarez: “uma folha salta / o velho lago / pisca o olho”. Mais uma vez pedi que focassem no instante que o poeta Alonso eternizou no haicai: o momento em que um lago pisca por causa de uma folha que salta. Deixei que cada um expusesse o que sentiu e o que achava desse instante “fotografado” pelo autor. A aula foi produtiva porque permiti que eles falassem livremente acerca dos poemas, pedi que marcassem qual ou quais palavras, na opinião deles, era(m) responsável(is) pelo instante e justificassem suas escolhas utilizando os próprios versos para isso. É relevante lembrar o que Alves (2016, p. 209) defende acerca das livres conversas a partir das leituras em sala:

Experiências realizadas em diferentes turmas do ensino básico revelam que, quando o aluno-leitor tem a oportunidade de se colocar diante do texto, de falar sobre suas percepções, de suas descobertas, de suas dúvidas e incompreensões, a aula se torna um espaço de ricas descobertas e não meramente de confirmação (ou desvio) diante de uma leitura acabada.

Como destaca o autor, quando abrimos espaço para uma aula assim, há ricas descobertas que tornam a dinâmica de sala de aula mais atraente e também mais produtiva na medida em que é possível que o aluno vá lembrar dos poemas lidos e do que apreciou neles. É relevante não mostrar uma leitura acabada, como nos fala Alves (2016), pois isso pode cortar outras possíveis interpretações para os textos literários e inibe aqueles que gostam e desejam expor seus sentimentos a partir da leitura e que





VII ENLIJE

podem vir a gostar ainda mais. Lembramos que isso não quer dizer em nenhum momento que devemos aceitar toda e qualquer interpretação para os poemas.

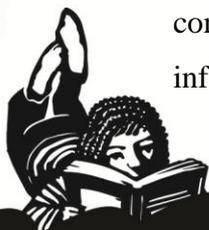
As temáticas tempo e reflexão caminharam juntas na organização dos poemas. Antes das leituras, optei por levar algumas imagens para a turma observar, imagens essas que faziam referência ao tempo transcorrido. Eram fotos de amigos – velhinhos conversando ou passeando em algum lugar; casais idosos se abraçando ou se beijando; uma senhora vaidosa se arrumando enquanto o espelho refletia-a jovem; um senhor velho que se olha – sério – no espelho e este objeto reflete a lembrança de quando ele era um rapaz forte e atraente. Nessas últimas duas imagens eles fizeram muitas observações acerca do envelhecimento humano. A última imagem foi de duas pessoas idosas que passavam uma pela outra numa rua e, ao passarem, suas sombras – como se fossem suas almas – tentam ir uma ao encontro da outra enquanto os dois idosos passam indiferentes. Após os vários comentários acerca do que viram, foi a hora da leitura dos haicais, que foi bastante proveitosa, pudemos traçar algumas relações entre poemas e imagens. Seguem dois haicais de Saulo Mendonça sobre os quais os alunos expuseram opiniões bastante contundentes e nos quais nos demoramos mais do que nos outros.

No guarda-roupa
Antigos carnavais
Despendurados.

Noite fria e escura.
Na memória, acendo
O candeeiro de meu pai.

Como vemos, o poeta Saulo Mendonça mais uma vez encanta os alunos. Sobre esses haicais, até o professor da turma se posicionou a respeito. A beleza da passagem do tempo permeia esses poemas de forma reflexiva. A memória é o personagem principal que faz com que o eu lírico possa relembrar aquilo que está em sua mente: os antigos carnavais que, mesmo não estando mais pendurados no guarda-roupa, ainda fazem com que ele lembre; o candeeiro do pai a acender-lhe a memória. A sensível ideia de que o velho candeeiro do pai pode ter sido usado na noite fria e escura ou que esse velho candeeiro acendeu-se em sua mente fazendo-o lembrar-se de coisas antigas.

Nesse dia, foram duas aulas. Na primeira, trabalhamos o tempo e a reflexão. Na segunda, optei por continuar – afinal eram muitos poemas e um determinado momento da aula havia sido apenas para falar sobre as imagens – com a leitura dos poemas. A metade final da aula, levei algumas informações relevantes sobre o haicai porque o nosso estágio estava chegando ao fim. Na nossa sequência, a ideia era que começássemos pelos poemas e na medida em que as aulas fossem acontecendo as informações seriam acrescentadas conforme a necessidade.





VII ENLIJE

Então, eu vi a importância de agregar alguns conhecimentos sobre o que lemos. Reforcei o que já havia dito sobre os haicais serem poemas de origem japonesa compostos de três versos e devem ter originalmente um *kigo*, ou seja, uma palavra que faça referência a uma estação, além de serem estruturalmente compostos de dezessete sílabas poéticas (5-7-5). Expliquei que no Brasil essas regras são mais flexíveis e que não é obrigado escrever seguindo esses preceitos, pois o importante é ter a sensibilidade de escrever em poucas palavras poemas tão belos quanto são os haicais.

Retomei a ideia de que esses poemas são na verdade como imagens, porque retratam um determinado acontecimento como, por exemplo, uma fotografia que guardamos ao longo do tempo. Enfatizei ainda o fato de que os haicais trazem imagens que acabam por despertar as emoções que sentimos quando os lemos.

Comentei informações que eles já tinham como, por exemplo, os haicais serem uma poesia extremamente ligada à natureza e que termos, como seres humanos, um olhar de respeito e amor para com ela nos possibilita poemas reveladores de instantes lindos da natureza como os que nós lemos ao longo das aulas. Esses poemas trazem a sensibilidade de quem os escreve e por isso mesmo são repletos de observações e reflexões.

Como havíamos lido diversos poemas de muitos autores no decorrer das aulas, não foi difícil para eles compreender essas informações. O que me leva a crer – a partir da experiência eu tive – que começar pela abordagem do poema antes de passar à conceituação é um bom caminho para o trabalho com a poesia na sala de aula.

Na última aula de nosso estágio (que foi no mesmo dia do que acabamos de relatar acima), relembrei rapidamente os temas que foram trabalhados e sugeri a escrita de haicais, não que fosse necessário que só escrevessem tendo em vista os temas que tínhamos visto nos poemas lidos. Eles não precisavam se limitar a tais temáticas, podiam escrever sobre coisas, instantes, momentos, ações ou sentimentos que fizessem parte de suas vidas. Alguns relutaram um pouco, mas outros começaram a pensar logo em seguida e já escreveram seus haicais. A aula foi boa porque o tempo todo eu estava lendo algum haicai, dando sugestões de como melhorar ou diminuir a quantidade de palavras, sugerindo temas e ainda apreciando a escrita deles. Isso rendeu bons poemas e o mais importante é que eles puderam escrever algo deles, ou seja, expressar na poesia o que sentem a partir do que observam no dia a dia.

O tempo todo eu lembrava a eles que os haicais são parte da simplicidade do cotidiano e da natureza, ou seja, a percepção e a sensibilidade para o meio em que





VII ENLIJE

Vivemos pode render sim bons poemas. Ao final da aula, todos tinham pelo menos um haicai escrito e houve alunos que escreveram mais de três ou quatro e até seis haicais. Pedi para que eles compartilhassem seus poemas e assim se deu o fim da aula e do estágio. As leituras provocavam às vezes risadas – dependendo do tema escolhido – e também muitos aplausos a cada um se dispunha a mostrar sua pequena e significativa produção.

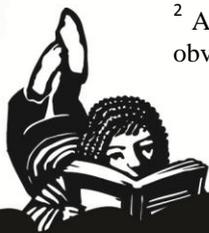
Considerações finais

Para terminar, é importante relembrar as fichas de leitura que foram entregues aos alunos desde o início do estágio. Essas fichas – que funcionaram como um diário de leitura – tinham o essencial papel de registrar algumas percepções acerca dos poemas lidos. Ao mesmo tempo em que comentamos sobre os pequenos diários de leitura fazemos as nossas considerações finais, pois eles finalizam um percurso importante de nossa experiência e registraram momentos relevantes da nossa prática.

Os diários não foram solicitados sempre nas aulas, mas quando isso ocorria era com a intenção de que cada um pudesse deixar escrito um pouco da emoção sentida com determinado haicai, ou seja, os alunos não eram obrigados a comentar cada poema lido e discutido. Ao contrário, tinham de escolher aquele que mais havia chamado a atenção durante a aula para relatar em poucas linhas as sensações advindas do mesmo. A orientação era que eles deveriam comentar com poucas palavras o porquê da escolha por determinado poema e que aspectos tinham chamado atenção. Um aluno escreveu sobre um haicai de Alonso Alvarez: “eu escolhi porque lembra dos velhos tempos de tomar banho no lago. ‘O velho lago pisca o olho’, pisca porque a folha toca sobre a água. É muito bonito sim”. Notemos que ele sente a necessidade de pincelar uma pequena explicação para a maneira bela como o poeta fala do ocorre com o lago.²

Ao lermos um haicai do conhecido Paulo Leminski, um discente escreveu: “Porque foi o haicai que achei mais simples. ‘Até as árvores querem vir para dentro’. É bonito porque o ponto de vista do autor foi diferente. Sim, me lembro das tardes de vento.” Interessante notar a justificativa da escolha caminha para as próprias lembranças do aluno.

² Assim como esse comentário houve outros falando sobre o mesmo poeta e inclusive o mesmo haicai, obviamente não colocaremos todos no trabalho, os que aparecem são a título de exemplo.





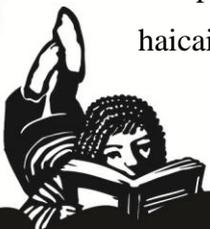
VII ENLJE

em como ele, outro aluno falou algo semelhante em relação ao poeta Saulo Mendonça: “eu escolhi esse haicai pelo fato de ser muito interessante, me chamou atenção pelo fato lembrar a infância quando chovia e a biqueira quando escorria a água”. Como podemos constatar, o aluno relaciona o poema com as suas lembranças da infância. Em relação a isso, Alves (2016, p. 213) diz que “qualquer que seja o texto, de algum modo o sentido é sempre o resultado de uma aproximação entre como o leitor projeta no texto suas experiências a partir das aberturas que o texto apresenta”. As memórias vieram à tona a partir da leitura do haicai do paraibano, há, portanto, uma espécie de identificação a partir das aberturas que o aluno consegue perceber e captar no haicai.

Emocionante foi ler o motivo que um aluno fez questão de enfatizar não só na escrita, mas em sala também enquanto comentávamos sobre um haicai de Abel Pereira: “Porque é muito lindo, ‘o sol parece outro sol’, bonito é pouco, é lindo demais. Passa muito sentimento *pro* leitor”. Com essas simples palavras, cumprimos o nosso objetivo de encantar com a poesia, nada mais proveitoso do que ler que um adjetivo como bonito não alcança a amplitude do que o poema transmitiu, por isso é necessário ir além.

Em todas as folhas, encontramos explicações para a escolha, como uma aluna escreveu acerca de outro haicai de Alice Ruiz: “*Me chama* a atenção por inverter os valores quando diz que os carros voam no lugar de serem os pássaros, eles morrem no meio da estrada”. Satisfatório é conhecer uma percepção bastante comprometida com os significados que uma haicaísta como Alice coloca em seus poemas. A aluna parece dar conta da carga significativa quando fala da inversão de valores, pois ao invés de os pássaros estarem voando quem assume essa atitude são os carros e por isso as pobres aves perdem suas vidas.

Outra aluna escreveu ainda sobre um poema de Saulo Mendonça: “Achei interessante, me chamou atenção que o pássaro esperava pela noite na esperança que a chuva parasse. É um haicai lindo... já me escondi da chuva, mas foi embaixo da árvore”. As leituras suscitaram lembranças nos alunos, pudemos constatar. Por isso, um dos motivos da importância da poesia. Relembramos o que defende Almeida (2012, p. 55): “em um momento de supremacia técnica a poesia pede espaço para a natureza e abre alas à leveza e ao olhar de alumbramento para o mundo, se recriando a cada instante”. Os comentários dos alunos, orais ou escritos, foram em sua maioria relacionados com a sua própria experiência, os meninos faziam uma ponte entre suas lembranças e os haicais, por isso se lembravam de suas infâncias, das brincadeiras, das chuvas e





ENLIJE

principalmente da natureza, que permeava esses momentos. O poder que a poesia tem de trazer de volta momentos que o cotidiano, muitas vezes, nos faz esquecer é um dos motivos que nos faz acreditar que não trabalhá-la na sala de aula acarreta em uma perda para os alunos e para os próprios professores.

Referências bibliográficas

DALLA-BONA, Elisa Maria; BENATO, Maria Luciana Scucato. A desmarginalização do texto poético na escola: uma experiência com haicais escritos por crianças. In: DEBUS, E.; BAZZO, J. L. S.; BORTOLOTTI, N. (orgs.). **Poesia (cabe) na escola: por uma educação poética**. – 1. ed. – Campina Grande – PB: EDUFCG, 2018.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. Espaços de natureza – um olhar ecocrítico. In: NETO, Amador Ribeiro (org.). **Epifania da poesia – Ensaios sobre haicais de Saulo Mendonça**. João Pessoa: Ideia, 2012.

ALVAREZ, Alonso. **Os olhos do lago**. Disponível em: <<http://alonsoalvarez.com.br/haikai/index.html>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Estratégias para o ensino de poesia. In: FERNANDES, M. L. O.; ANDRADE, P.; PERRONE, C. A. (orgs.). **Poesia na Era da Internacionalização dos Saberes: circulação, tradução, ensino e crítica no contexto contemporâneo**. – São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2016.

FRANCHETTI, Paulo. O haikai no Brasil. **ALEA**, v. 10, n. 2, p. 256-269, julho-dezembro, 2008.

MACHADO, Daniel dos Santos. **Haikai, uma análise da produção em língua portuguesa: Tema, forma e conteúdo**. 115 f. Programa de Pós-graduação em literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas-UB, 2011.

MARQUES, Saulo Mendonça. **Pirilampo**. – João Pessoa, PB: A União, 2005. 130 p.

RUIZ S, Alice. **Outro silêncio: haicais** – 1ª ed. – São Paulo: Boa Companhia, 2015.

SEABRA, Carlos. **Haicais E Que Tais**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 2005. Com ilustrações de Eugénia Tabosa.

